

## **Automation, Artificial Intelligence and Digital Infrastructure: A Critical Analysis of the Dead Internet Theory**

## **Automação, inteligência artificial e infraestrutura digital: uma análise crítica da Teoria da Internet Morta**

**MONTEIRO, Caio Henrique de Macedo<sup>(1)</sup>; SANTOS, Adilson Jorge dos<sup>(2)</sup>; SILVA, Wellyngton Chaves Monteiro da<sup>(3)</sup>**

<sup>(1)</sup>  0009-0001-9532-2162; Centro Universitário de Maceió - Unima. Maceió, AL, Brasil. [caiohenrique.mcz@gmail.com](mailto:caiohenrique.mcz@gmail.com).

<sup>(2)</sup>  0000-0002-9586-659X; Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL. Maceió, AL, Brasil. [adilson.santos@uneal.edu.br](mailto:adilson.santos@uneal.edu.br).

<sup>(3)</sup>  0000-0001-8267-5850; Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL. Maceió, AL, Brasil. Autor correspondente: [wellyngton.silva@uneal.edu.br](mailto:wellyngton.silva@uneal.edu.br).

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

### **ABSTRACT**

This article analyzes the relationship between the automation of digital content production, algorithmic mediation, and the energy consumption of Internet infrastructure, seeking to understand the extent to which these factors support or problematize the arguments associated with the Dead Internet Theory. This is a qualitative, exploratory, and descriptive study based on a bibliographic review of research on Artificial Intelligence, *bots*, algorithms, automated content production, computing infrastructure, Data Centers, and energy consumption in digital technologies. The analysis shows that the growing use of Artificial Intelligence, *bots*, recommendation systems, and other algorithmic mechanisms is transforming the production, circulation, and consumption of digital content while simultaneously increasing demand for processing capacity, data storage, and energy. The study also discusses the material dimension of digital transformation, considering the environmental, economic, and geopolitical impacts associated with the expansion of computing infrastructure. The findings indicate that, although there is insufficient evidence to claim that most interactions on the Internet are produced exclusively by automated systems, the expansion of synthetic content production and algorithmic mediation is a concrete phenomenon. It is concluded that the Dead Internet Theory has greater analytical value when understood not as a literal description of reality, but as a critical metaphor for transformations resulting from automation, algorithmic mediation, and the expansion of digital infrastructure.

### **RESUMO**

Este artigo analisa a relação entre a automação da produção de conteúdo digital, a mediação algorítmica e o consumo energético da infraestrutura da Internet, buscando compreender em que medida esses fatores sustentam ou problematizam os argumentos associados à Teoria da Internet Morta. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica de estudos sobre Inteligência Artificial, *bots*, algoritmos, automação da produção de conteúdo, infraestrutura computacional, Data Centers e consumo energético das tecnologias digitais. A análise evidencia que a crescente utilização de Inteligência Artificial, *bots*, sistemas de recomendação e outros mecanismos algorítmicos vem transformando a produção, a circulação e o consumo de conteúdos digitais, ampliando simultaneamente a demanda por capacidade de processamento, armazenamento e energia. Discute-se, ainda, a dimensão material da transformação digital, considerando os impactos ambientais, econômicos e geopolíticos associados à expansão da infraestrutura computacional. Os resultados indicam que, embora não existam evidências suficientes para afirmar que a maior parte das interações na Internet seja produzida exclusivamente por sistemas automatizados, a expansão da produção sintética de conteúdos e da mediação algorítmica constitui um fenômeno concreto. Conclui-se que a Teoria da Internet Morta apresenta maior potencial analítico quando compreendida não como uma descrição literal da realidade, mas como uma metáfora crítica das transformações decorrentes da automação, da mediação algorítmica e da expansão da infraestrutura digital.

### **INFORMAÇÕES DO ARTIGO**

#### **Histórico do Artigo:**

Submetido: 17/08/2026

Aprovado: 17/09/2026

Publicação: 28/09/2026



#### **Keywords:**

Digital platforms, algorithmic mediation, Artificial Intelligence, digital infrastructure, energy consumption.

#### **Palavras-Chave:**

Plataformas digitais, mediação algorítmica, Inteligência Artificial, infraestrutura digital, consumo energético.

## Introdução

Nas últimas décadas, a Internet deixou de ser apenas um meio de comunicação e passou a ocupar um lugar central em atividades muito diversas da vida social. Comunicação, trabalho, consumo, entretenimento e circulação de informações passaram a depender, em diferentes graus, de ambientes digitais. Esse processo, entretanto, não permaneceu limitado à ampliação do acesso ou à criação de novas formas de interação. O desenvolvimento da Inteligência Artificial (IA), dos sistemas algorítmicos e de diferentes mecanismos de automação vem modificando as próprias condições de produção, circulação e consumo dos conteúdos que chegam aos usuários (Silva, 2023; Souza; Santos, 2025). Se em momentos anteriores a participação humana era mais evidente na produção das informações disponibilizadas na rede, atualmente uma parte crescente dessas atividades é realizada, organizada ou intermediada por sistemas computacionais.

Ao mesmo tempo, o funcionamento desse ambiente passou a depender de uma estrutura computacional cada vez mais ampla (Furtado; Cunha, 2024). A expansão dos *Data Centers*, a necessidade de processar e armazenar volumes crescentes de dados e o aumento da demanda por eletricidade constituem dimensões que não podem ser separadas do desenvolvimento das tecnologias digitais. Aplicações de Inteligência Artificial, mecanismos de recomendação, sistemas de interação automatizada e plataformas que lidam diariamente com grandes quantidades de informações exigem recursos materiais para permanecer em funcionamento. Desse modo, a transformação digital não se limita ao espaço aparentemente imaterial das telas e das redes: ela está apoiada em instalações físicas de grande porte e produz efeitos que alcançam dimensões econômicas, ambientais e geopolíticas (Furtado; Cunha, 2024).

É nesse ambiente de mudanças que a chamada Teoria da Internet Morta (*Dead Internet Theory* – *DIT*) ganhou visibilidade. Sua origem costuma ser relacionada a discussões realizadas em fóruns da própria Internet, embora a literatura ainda apresente divergências sobre quando e em que circunstâncias a hipótese surgiu (Kleina, 2024; Bordin, 2025; Melo, 2025; Sarmiento, 2025). Em sua formulação mais conhecida, a teoria sugere que uma parcela relevante da atividade encontrada na rede já não seria resultado direto da ação humana, mas da atuação de *bots*, sistemas automatizados e Inteligência Artificial. A hipótese, portanto, chama atenção para uma possível redução da centralidade humana nas interações digitais e para a presença crescente de conteúdos produzidos artificialmente. Embora tenha adquirido forte associação com discursos conspiratórios (Bordin, 2025; Kleina, 2024; Melo, 2025), a DIT também pode ser tomada como um ponto de partida para discutir mudanças efetivamente observáveis no ambiente digital. O aumento da produção sintética de conteúdos, a mediação exercida pelos algoritmos e a lógica econômica baseada na captura da atenção são fenômenos concretos que ajudam a explicar por que essa hipótese passou a circular com tanta força. Nessa direção, Berghel (2026), ao discutir dados relacionados ao tráfego automatizado e às redes de

desinformação, considera que alguns dos elementos mobilizados em torno da DIT merecem ser examinados criticamente, mesmo que isso não implique aceitar integralmente suas formulações mais radicais.

Por isso, a questão central não consiste em decidir, de forma imediata, se a Internet está ou não “morta”. Mais produtivo é observar quais transformações favoreceram o surgimento e a difusão dessa interpretação. A expansão da Inteligência Artificial generativa, a presença cada vez maior de *bots*, o funcionamento dos sistemas de recomendação e o crescimento da infraestrutura computacional alteram a experiência dos usuários e a própria dinâmica de circulação das informações. A chamada “Internet Morta” interessa, assim, menos como uma proposição factual que pudesse ser simplesmente confirmada ou rejeitada e mais como uma chave de leitura para questionar os caminhos assumidos pelo ambiente digital.

Essa transformação também exige considerar aquilo que normalmente permanece oculto quando se fala em automação. Produzir e distribuir conteúdos em escala depende de processamento computacional, armazenamento e energia, e o desenvolvimento de modelos de Inteligência Artificial cada vez mais complexos amplia essas exigências. A expansão dos *Data Centers* e os debates sobre os impactos ambientais, econômicos e geopolíticos dessa infraestrutura mostram que a digitalização possui uma dimensão material que não pode ser ignorada. A discussão sobre a Internet atual, portanto, envolve tanto aquilo que acontece nas plataformas quanto as condições físicas que permitem que essas plataformas funcionem.

Diante desse quadro, este artigo tem como objetivo analisar a relação entre a automação da produção de conteúdo digital e o consumo energético da infraestrutura da Internet, procurando compreender em que medida esses processos contribuem para sustentar ou problematizar os argumentos associados à Teoria da Internet Morta. A análise parte da compreensão de que a DIT não deve ser tomada, necessariamente, como uma explicação literal do funcionamento atual da Internet. Seu interesse analítico está também na possibilidade de utilizá-la para pensar mudanças estruturais relacionadas à expansão da Inteligência Artificial, à automação da produção de conteúdos e à infraestrutura computacional que dá suporte ao ambiente digital.

Nessa perspectiva, o artigo propõe aproximar três dimensões que muitas vezes aparecem separadas nas discussões sobre o tema: a produção automatizada de conteúdo, a mediação realizada pelos sistemas algorítmicos e as condições materiais e energéticas que sustentam a Internet. A articulação dessas dimensões permite discutir a Teoria da Internet Morta não como uma afirmação definitiva sobre a realidade da rede, mas como uma metáfora crítica para compreender transformações que já estão em curso.

### **Procedimentos metodológicos**

A pesquisa é de abordagem qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, e foi desenvolvida a partir de revisão bibliográfica. Essa escolha está relacionada à própria natureza

do objeto, que envolve processos sociotécnicos situados em uma área de encontro entre diferentes campos, especialmente Ciência da Computação, Comunicação, Inteligência Artificial e estudos sobre plataformas digitais.

O levantamento considerou artigos científicos, dissertações, relatórios técnicos e documentos institucionais, dando prioridade às publicações da última década. Foram buscados trabalhos relacionados à Inteligência Artificial, aos algoritmos, à automação da produção de conteúdos, à infraestrutura computacional, aos *Data Centers* e ao consumo de energia associado às tecnologias digitais. Para localizar esse material, foram utilizadas bases como o Google Scholar e o Portal de Periódicos Capes, com descritores em português e inglês, entre eles “*Dead Internet Theory*”, “Teoria da Internet Morta”, “Inteligência Artificial”, “*bots*”, “algoritmos”, “infraestrutura digital” e “*Data Centers*”.

Como a Teoria da Internet Morta é um objeto recente e ainda possui presença limitada na produção científica, sobretudo no Brasil, o corpus também incluiu materiais publicados por portais especializados em tecnologia, relatórios técnicos e textos de divulgação científica. A inclusão dessas fontes se justifica porque parte importante do debate sobre a DIT ocorre nesses espaços e acompanha de maneira mais imediata as mudanças provocadas pela expansão da Inteligência Artificial e da automação. Esses materiais não foram considerados, isoladamente, como comprovação científica das afirmações analisadas. Foram utilizados como parte do material documental e confrontados com a literatura acadêmica disponível, contribuindo para compreender um fenômeno cuja elaboração conceitual ainda está em desenvolvimento.

A interpretação do material procurou colocar essas diferentes dimensões em relação. Assim, o objetivo não foi apenas reunir informações sobre o crescimento das tecnologias digitais, mas compreender como a expansão da Inteligência Artificial, da produção automatizada de conteúdos e da infraestrutura computacional se relaciona com a emergência e a circulação da Teoria da Internet Morta. Também se buscou identificar os limites dessa interpretação diante das evidências atualmente disponíveis.

## **Análise e discussão dos resultados**

### ***Automação da produção de conteúdo, Inteligência Artificial e a reconfiguração da Internet***

A Internet ocupa hoje uma posição central nos processos de produção e circulação de informações. Entretanto, a rede que se consolidou nas décadas de 1990 e 2000 apresenta características diferentes das encontradas no ambiente digital atual. Naquele período, a participação direta dos usuários e a produção humana de conteúdos tinham maior visibilidade e as formas de interação eram relativamente descentralizadas. Com o desenvolvimento das plataformas, esse cenário foi incorporando mecanismos de automação, personalização e

seleção algorítmica, que passaram a interferir de maneira mais intensa naquilo que é produzido, disponibilizado e visto pelos usuários (Silva, 2023; Braga; Montenegro, 2023).

A mudança pode ser percebida também na evolução da própria Web. Silva (2023) mostra que o ambiente inicialmente voltado à disponibilização de informações foi incorporando, gradualmente, recursos de interação e, posteriormente, mecanismos capazes de adaptar os conteúdos aos comportamentos dos usuários. Nesse processo, os algoritmos passaram a ocupar uma posição que vai além da execução de tarefas técnicas. Eles participam da organização dos fluxos de informação e ajudam a definir quais conteúdos terão maior ou menor possibilidade de chegar a determinados usuários, interferindo, conseqüentemente, em suas experiências e padrões de consumo digital.

Neste artigo, a automação da produção de conteúdo é entendida de maneira ampla. Ela envolve processos computacionais que recorrem a algoritmos, Inteligência Artificial e outros mecanismos capazes de produzir, selecionar, ordenar, recomendar ou distribuir conteúdos com pouca intervenção humana direta. Portanto, não se trata somente de textos, imagens ou vídeos gerados automaticamente. Também fazem parte desse processo os sistemas que interferem na circulação dos conteúdos, em sua visibilidade e no alcance que alcançam dentro das plataformas.

O desenvolvimento da Inteligência Artificial generativa ampliou consideravelmente esse processo. Textos, imagens, vídeos e outros materiais podem ser produzidos em grande quantidade e em períodos muito menores do que aqueles exigidos pela produção exclusivamente humana. Empresas, plataformas e usuários passaram a incorporar essas ferramentas em suas atividades, fazendo com que tarefas anteriormente realizadas por pessoas sejam, em parte, executadas por sistemas automatizados. Essa alteração ajuda a situar o aparecimento e a repercussão da Teoria da Internet Morta. Kleina (2024) e Bordin (2025) observam que, apesar das incertezas sobre sua origem, a hipótese está associada à ideia de que uma parcela expressiva da atividade realizada na Internet seria conduzida por *bots*, sistemas automatizados e Inteligência Artificial. Nessa leitura, a redução da participação humana estaria acompanhada de uma expansão da produção artificial de conteúdos e de mudanças na experiência dos usuários.

Tomar essa questão apenas como uma disputa entre aquilo que é produzido por pessoas e aquilo que é produzido por máquinas, contudo, deixa de lado elementos importantes. Souza e Santos (2025) situam o crescimento da automação dentro de transformações mais amplas relacionadas à plataformização, à economia da atenção e à reorganização das relações econômicas no ambiente digital. Isso permite compreender que a automação não precisa ser interpretada como resultado de um projeto explícito de substituição da atividade humana. Ela também pode ser entendida como parte de um modelo de funcionamento no qual as plataformas buscam ampliar sua capacidade de organizar, distribuir e monetizar os fluxos de informação e de atenção.

Nas plataformas digitais, a disputa pela atenção dos usuários ocupa um lugar importante. A ampliação das interações, a permanência das pessoas conectadas e a busca por maior engajamento estimulam o uso de mecanismos capazes de operar em grande escala e de maneira contínua. Nesse contexto, *bots*, sistemas de recomendação e ferramentas de Inteligência Artificial passaram a desempenhar funções que interferem tanto na produção quanto na circulação dos conteúdos. Braga e Montenegro (2023) mostram como os *bots* podem ser empregados de forma estratégica na circulação de informações e na produção de engajamento. Berghel (2026), por sua vez, chama atenção para a presença expressiva de conteúdos produzidos por *bots* na Internet. Esses elementos não confirmam, por si mesmos, a formulação mais radical da DIT, mas ajudam a compreender as condições que tornaram sua hipótese mais plausível aos olhos de parte dos usuários.

As consequências dessa mudança não ficam restritas ao funcionamento técnico das plataformas. A personalização das recomendações, a formação de ambientes informacionais mais fechados e a dificuldade crescente de distinguir determinados conteúdos produzidos por pessoas daqueles gerados por sistemas de IA interferem na maneira como os usuários percebem as interações digitais. O problema aparece em diferentes espaços sociais. A produção artística, a comunicação e a pesquisa científica, entre outros campos, já convivem com conteúdos produzidos ou modificados por ferramentas automatizadas (Araújo; Holanda; Assumpção, 2025; Marques, 2025; Rossetti; Garcia, 2023). A automação, portanto, deixou de ser uma possibilidade restrita a aplicações experimentais e passou a integrar a experiência cotidiana da Internet.

Alguns acontecimentos recentes ajudam a visualizar essa mudança. O episódio envolvendo Boris Eldagsen, que recusou o prêmio recebido no *Sony World Photography Awards* depois de informar que a imagem premiada havia sido produzida com Inteligência Artificial (Rossetti; Garcia, 2023; Araújo; Holanda; Assumpção, 2025), tornou visível a dificuldade crescente de estabelecer uma separação rígida entre criação humana e produção automatizada. Algo semelhante pode ser observado no campo acadêmico, onde ferramentas generativas passaram a ser utilizadas na produção de textos e outros materiais, inclusive em situações que resultaram em retratações de artigos por apresentarem conteúdo produzido por IA (Marques, 2025). O fenômeno, portanto, ultrapassa a dimensão estritamente tecnológica e alcança questões éticas, profissionais e educacionais.

A discussão proposta por Sommerer (2025) acrescenta outra dimensão ao problema ao aproximar a Teoria da Internet Morta da reflexão de Baudrillard sobre simulação e inteligência artificial. Nessa perspectiva, a questão não se reduz à existência de conteúdos gerados por máquinas, mas envolve uma mudança na relação entre os signos que circulam no ambiente digital e as experiências sociais que lhes davam origem. A leitura ajuda a pensar a possibilidade de uma Internet em que a multiplicação de conteúdos artificiais não apenas aumente o volume

de informações disponíveis, mas modifique a própria percepção do que significa produzir e consumir conteúdos na rede.

Ainda assim, o crescimento dessas tecnologias não permite concluir, por si mesmo, que os pressupostos mais fortes da Teoria da Internet Morta estejam comprovados. Há evidências do aumento da utilização de *bots* e de sistemas automatizados, mas isso é diferente de demonstrar que a maior parte das interações existentes na Internet seja produzida exclusivamente por Inteligência Artificial. Algumas interpretações associadas à DIT ultrapassam aquilo que os dados permitem afirmar, especialmente quando atribuem uma ação coordenada e deliberada a governos ou grandes corporações sem evidências suficientes para sustentar tal conclusão.

Reconhecer esse limite, entretanto, não significa minimizar o que efetivamente está acontecendo. A expansão da Inteligência Artificial, da mediação algorítmica e da produção sintética de conteúdos é um processo observável e documentado na literatura analisada. Essas mudanças interferem nas formas de produzir, distribuir e consumir informações e, justamente por isso, ajudam a explicar a repercussão adquirida pela Teoria da Internet Morta. O interesse da hipótese, neste estudo, está menos em sua confirmação literal e mais na capacidade de provocar perguntas sobre a transformação da experiência digital.

### ***Plataformas digitais e mediação algorítmica***

A expansão da Inteligência Artificial e da produção automatizada de conteúdos alterou a dinâmica da Internet, mas essas mudanças precisam ser compreendidas também a partir da atuação das próprias plataformas. Não basta observar quais tecnologias estão disponíveis. É necessário considerar como os ambientes digitais organizam os conteúdos que chegam aos usuários. Sistemas de busca, mecanismos de recomendação e diferentes formas de classificação algorítmica participam dessa organização e influenciam a visibilidade de informações e publicações (Braga; Montenegro, 2023; Silva, 2023).

Esse processo acompanha as mudanças ocorridas na Web e a crescente centralidade das plataformas. Silva (2023) observa a passagem de um ambiente inicialmente voltado à disponibilização de informações para formas de interação cada vez mais complexas. Nesse percurso, as plataformas passaram a exercer um papel decisivo na ordenação dos fluxos informacionais. Braga e Montenegro (2023) chamam atenção justamente para essa capacidade de intermediação, mostrando que os critérios adotados pelas plataformas não apenas distribuem conteúdos, mas também podem interferir em comportamentos, interesses e escolhas dos usuários.

Grande parte dessa seleção acontece sem que o usuário tenha conhecimento detalhado dos critérios empregados. Pesquisas realizadas, vídeos visualizados, publicações compartilhadas e outras ações deixam registros que podem ser incorporados aos sistemas das plataformas. Esses dados alimentam processos de personalização e permitem que as

recomendações sejam ajustadas continuamente. Assim, aquilo que cada usuário encontra na Internet resulta cada vez menos de uma distribuição uniforme de conteúdos e cada vez mais da combinação entre interesses comerciais, histórico de navegação, padrões de comportamento e indicadores de engajamento.

É nesse ambiente que a automação da produção de conteúdo ganha outra dimensão. Ferramentas de Inteligência Artificial ampliaram a capacidade de gerar textos, imagens, vídeos e outros materiais em escala e velocidade elevadas. Paralelamente, *bots* podem executar tarefas como publicar, compartilhar e interagir automaticamente com esses conteúdos. A combinação entre geração e distribuição automatizadas aumenta a capacidade de fazer circular determinados materiais dentro das plataformas e torna mais complexa a identificação dos agentes envolvidos nesse processo, como indicam Rossetti e Garcia (2023) e Araújo, Holanda e Assumpção (2025).

Walter (2025) chama atenção para o surgimento dos chamados “influenciadores de IA” e para as mudanças que essa presença produz na lógica das mídias sociais. O ponto relevante, para a discussão aqui desenvolvida, é que a presença de agentes e conteúdos artificiais desloca parte da experiência das redes sociais para uma lógica em que a produção e o consumo de conteúdo ganham peso em relação à interação humana. Essa mudança ajuda a problematizar a promessa inicial das redes como espaços de aproximação entre pessoas e permite observar como os algoritmos passaram a participar de maneira mais intensa da definição do que é visto, consumido e compartilhado.

Essas transformações contribuem para compreender a maior circulação da Teoria da Internet Morta. Não há elementos suficientes para afirmar que a maior parte da Internet seja produzida exclusivamente por sistemas automatizados, mas a presença crescente de conteúdos sintéticos, *bots* e mecanismos de recomendação torna menos evidente a fronteira entre participação humana e operação automatizada. A percepção de que parte significativa daquilo que aparece nas plataformas pode ter sido produzida, selecionada ou impulsionada por máquinas cria condições para que a hipótese da “Internet Morta” encontre espaço no debate público.

Por essa razão, a questão não se resume a descobrir se determinado texto, imagem ou vídeo foi produzido por uma pessoa ou por uma máquina. É preciso observar também o percurso que esse conteúdo realiza depois de produzido e os mecanismos que definem sua visibilidade. A automação está presente na geração dos materiais, mas também na recomendação, na personalização e na organização dos fluxos de informação. A experiência do usuário resulta, portanto, da combinação entre conteúdos, algoritmos, sistemas automatizados e decisões das próprias plataformas.

A presença crescente desses mecanismos também altera os critérios pelos quais os conteúdos ganham destaque. A visibilidade de uma publicação não depende somente de seu interesse ou de sua relevância para quem a recebe. Métricas de engajamento, sistemas de

recomendação e processos automáticos de distribuição participam dessa definição e podem ampliar determinadas informações em detrimento de outras. A circulação de conteúdos passa, assim, a depender de uma relação cada vez mais estreita entre usuários, plataformas e sistemas de Inteligência Artificial. Isso torna o ambiente digital mais complexo e dificulta explicações que reduzam a produção de informação a uma simples oposição entre humanos e máquinas.

Essa dinâmica possui ainda uma consequência material importante. A produção, a circulação e o armazenamento de grandes volumes de conteúdos exigem capacidade computacional proporcionalmente maior. Quanto mais dados são processados pelas plataformas e quanto maior é o número de operações realizadas por sistemas automatizados, maior tende a ser a necessidade de servidores, armazenamento e processamento. Por isso, a discussão sobre automação e mediação algorítmica conduz necessariamente à dimensão física da Internet, especialmente à expansão dos *Data Centers* que sustentam boa parte desses serviços.

### ***Infraestrutura digital, consumo energético e os limites da Teoria da Internet Morta***

Os debates sobre Inteligência Artificial costumam privilegiar aquilo que aparece de maneira mais imediata aos usuários: as possibilidades dos sistemas generativos, a automação de tarefas e as mudanças provocadas pelas plataformas. Entretanto, existe uma dimensão menos visível que é indispensável para compreender esse processo. Toda atividade realizada em um ambiente digital depende de uma estrutura física. Servidores, equipamentos de armazenamento, redes de transmissão e, sobretudo, *Data Centers* formam parte da infraestrutura necessária para processar a enorme quantidade de informações que circula atualmente.

A expansão da Inteligência Artificial deve ser observada, portanto, também como expansão da infraestrutura que a torna possível. O aumento da utilização de sistemas automatizados implica maior necessidade de processamento, armazenamento, refrigeração e fornecimento contínuo de energia. Essa dimensão material costuma desaparecer da experiência cotidiana do usuário, que percebe apenas a resposta rápida de uma aplicação ou de uma ferramenta de IA. Por trás dessa aparente simplicidade existe uma cadeia tecnológica extensa, composta por equipamentos e servidores que precisam permanecer disponíveis e processar grandes quantidades de dados. A interação que parece instantânea é, assim, resultado de uma infraestrutura complexa e de um consumo energético que permanece pouco visível para quem utiliza esses serviços.

Furtado e Cunha (2024) ajudam a colocar essa dimensão material no centro da discussão ao relacionarem o crescimento da Inteligência Artificial à expansão dos *Data Centers* e às necessidades energéticas dessas instalações. A infraestrutura necessária para manter os serviços digitais também envolve outros recursos, entre eles água utilizada nos sistemas de

resfriamento e materiais empregados na fabricação dos equipamentos. Dessa forma, os efeitos da transformação digital não permanecem restritos ao espaço virtual. Eles alcançam o meio ambiente e também envolvem questões econômicas e geopolíticas que precisam ser consideradas quando se analisa a expansão da IA.

A materialidade dessa infraestrutura está relacionada, ainda, a disputas econômicas e estratégicas. Os equipamentos utilizados nos *Data Centers* dependem de cadeias de produção que envolvem minerais e componentes distribuídos de maneira desigual pelo mundo. Furtado e Cunha (2024) mostram que a expansão dessa demanda pode reforçar relações de dependência tecnológica e aprofundar diferenças entre os territórios que fornecem matérias-primas e aqueles que concentram empresas, conhecimento e capacidade de desenvolvimento das tecnologias digitais. A infraestrutura da Internet, portanto, também participa de relações mais amplas de poder e de distribuição desigual dos recursos necessários à economia digital.

Essa perspectiva permite compreender que o desenvolvimento da Inteligência Artificial não depende apenas da criação de modelos mais sofisticados. É necessário dispor de condições materiais para treinar, armazenar e executar esses sistemas em larga escala. A capacidade de processamento tornou-se um recurso estratégico para empresas e países que disputam posições na economia digital, e os *Data Centers* passaram a desempenhar uma função que ultrapassa o simples armazenamento de informações. Eles integram a base física responsável por manter plataformas, fluxos informacionais e sistemas automatizados em funcionamento. Considerar essa dimensão ajuda a compreender por que a expansão da automação também depende de processos materiais que, embora pouco perceptíveis ao usuário, são fundamentais para a existência do ambiente digital.

Nesse contexto, o Brasil apresenta uma situação relevante. Informações do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2023), juntamente com os estudos de Andrade (2024) e Gouveia (2024), indicam a posição de destaque que o país passou a ocupar no mercado latino-americano de *Data Centers*. Entre os fatores associados a essa expansão estão a disponibilidade relativa de fontes renováveis de energia, características geológicas e condições consideradas favoráveis para novos investimentos. O crescimento registrado entre 2013 e 2023 mostra que a expansão da infraestrutura digital também está vinculada a estratégias econômicas e de investimento que ultrapassam a dimensão estritamente tecnológica.

Esse movimento, entretanto, reúne possibilidades e contradições. A instalação e expansão de *Data Centers* pode estimular investimentos, inovação e empregos especializados, mas também aumenta a utilização de energia e de outros recursos naturais e coloca novos desafios para a sustentabilidade. A Inteligência Artificial depende, portanto, de uma infraestrutura cuja expansão exige custos materiais que não desaparecem pelo fato de os serviços serem acessados de forma virtual. A economia digital desloca parte dessa materialidade para instalações que normalmente permanecem fora do campo de visão do

usuário. Essa constatação ajuda a aproximar o debate sobre infraestrutura da Teoria da Internet Morta: enquanto a produção automatizada de conteúdos se torna mais presente, os sistemas que permitem sua geração e circulação permanecem pouco visíveis. A expansão da capacidade computacional mostra que a automação das interações digitais não é apenas uma possibilidade futura, mas parte do funcionamento presente da Internet.

Isso não significa, contudo, que o crescimento dos *Data Centers* seja uma prova da Teoria da Internet Morta. A expansão da capacidade computacional demonstra que a Internet depende de estruturas cada vez mais robustas, mas não permite concluir que a maioria das interações realizadas na rede seja produzida exclusivamente por Inteligência Artificial ou por sistemas automatizados. A conexão entre esses fenômenos existe, mas não é direta. Por isso, a análise precisa evitar tanto a negação das mudanças em curso quanto conclusões deterministas que ultrapassem as evidências disponíveis.

É nesse ponto que a Teoria da Internet Morta pode assumir maior interesse para a análise. Seu valor não está necessariamente em descrever de forma literal o funcionamento da Internet, mas em provocar uma reflexão sobre o que acontece quando a automação passa a ocupar um espaço cada vez maior na comunicação, na produção de informações e nas interações sociais. Vista dessa maneira, a hipótese deixa de ser apenas uma afirmação sobre a “morte” da rede e pode ser utilizada como uma metáfora crítica para observar mudanças associadas à Inteligência Artificial, à mediação algorítmica e à concentração das plataformas digitais.

Os elementos analisados apontam nessa direção. Não há evidências suficientes para sustentar a ideia de que a produção humana tenha sido predominantemente substituída por sistemas automatizados, mas existe uma expansão contínua da automação, dos conteúdos sintéticos e da infraestrutura necessária para mantê-los em funcionamento. Esses processos modificam a experiência dos usuários e ajudam a compreender por que a Teoria da Internet Morta ganhou espaço no debate recente. A questão central, portanto, não é confirmar a literalidade da teoria, mas compreender quais transformações reais fazem com que uma hipótese como essa pareça cada vez mais plausível.

### **Considerações Finais**

A análise realizada permite compreender que a principal contribuição da Teoria da Internet Morta não está em oferecer uma explicação literal para o funcionamento atual da Internet. Seu interesse está na possibilidade de problematizar mudanças que vêm ocorrendo com a expansão da Inteligência Artificial, da produção automatizada de conteúdos e da infraestrutura que sustenta o ambiente digital. A teoria ganha, assim, maior força como instrumento de questionamento do que como descrição factual da rede.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas mostram que a transformação da Internet não pode ser explicada apenas pelo aparecimento de novas ferramentas ou pelo aumento do

número de pessoas conectadas. A Inteligência Artificial, os sistemas algorítmicos e a automação passaram a interferir nas formas de produzir, distribuir e consumir informações. Paralelamente, o funcionamento desses recursos depende de uma infraestrutura computacional complexa, cuja expansão envolve uma demanda crescente por energia e outros recursos materiais.

Os resultados da análise indicam que a presença de *bots*, sistemas de recomendação, mecanismos de personalização e ferramentas de Inteligência Artificial já faz parte da organização das plataformas digitais. Ao mesmo tempo, essa expansão depende de uma estrutura física que inclui, de maneira especial, os *Data Centers*. O crescimento dessas instalações evidencia que a transformação digital possui custos materiais, energéticos e ambientais que nem sempre aparecem quando a inovação tecnológica é discutida apenas a partir de suas aplicações e possibilidades.

Por outro lado, os elementos reunidos no estudo não permitem afirmar que a Internet tenha se tornado predominantemente automatizada. A produção sintética de conteúdos e a mediação algorítmica estão em expansão, mas isso não equivale a demonstrar uma substituição generalizada da produção humana por IA ou *bots*. Essa distinção é fundamental para que a Teoria da Internet Morta não seja tratada como uma conclusão empírica que os dados disponíveis ainda não conseguem sustentar.

É justamente por isso que este trabalho optou por não transformar a análise em uma tentativa de confirmar ou negar categoricamente a Teoria da Internet Morta. A proposta foi tratá-la como uma categoria capaz de levantar questões sobre as mudanças que ocorrem no ambiente digital. Nessa perspectiva, a DIT funciona melhor como uma metáfora crítica das transformações associadas à plataformização da comunicação, ao fortalecimento da mediação algorítmica e à crescente presença de conteúdos produzidos artificialmente do que como uma descrição literal da Internet.

A inclusão da infraestrutura computacional e do consumo energético amplia essa discussão. Os debates sobre a Teoria da Internet Morta tendem a privilegiar aspectos relacionados à comunicação, à tecnologia e às formas de interação, enquanto as condições materiais que tornam esses processos possíveis recebem menor atenção. Ao relacionar a expansão da Inteligência Artificial ao aumento da capacidade de processamento, ao crescimento dos *Data Centers* e à demanda energética, o estudo mostra que compreender a transformação digital exige considerar simultaneamente seus aspectos técnicos, econômicos, ambientais e geopolíticos.

Dessa forma, a contribuição central deste artigo está em propor uma leitura da Teoria da Internet Morta que coloque em relação três dimensões: a produção automatizada de conteúdos, a mediação algorítmica e a infraestrutura material responsável por sustentar o ambiente digital. Essa articulação permite superar uma interpretação simplificada baseada apenas na oposição entre uma Internet produzida por seres humanos e outra produzida por

máquinas. O que se observa é uma configuração mais complexa, na qual pessoas, algoritmos, sistemas de IA, plataformas e infraestrutura física participam conjuntamente da produção e circulação da experiência digital.

Como limitação, reconhece-se que o estudo foi desenvolvido a partir de revisão bibliográfica e que o próprio objeto ainda se encontra em processo de consolidação. A velocidade com que as tecnologias de Inteligência Artificial avançam e a quantidade ainda reduzida de pesquisas empíricas especificamente voltadas à Teoria da Internet Morta indicam a necessidade de novos estudos. Essas investigações poderão mensurar com maior precisão a participação de sistemas automatizados na produção de conteúdos e examinar seus efeitos sobre a qualidade das informações, as formas de interação social e a sustentabilidade da infraestrutura computacional. Nessa direção, compreender a DIT como metáfora crítica desloca o foco da tentativa de provar ou desmentir sua formulação literal para a análise das mudanças estruturais que vêm redefinindo a Internet. É nesse deslocamento que se encontra a principal contribuição deste estudo, que não pretende encerrar a discussão, mas contribuir para um debate que tende a ganhar importância à medida que a automação modifica, de forma cada vez mais intensa, o funcionamento da rede.

**Declaração de conflito de interesses:** Os autores afirmam que não possuem quaisquer interesses financeiros, comerciais, pessoais ou acadêmicos que possam ter influenciado os resultados ou a interpretação deste manuscrito.

## REFERÊNCIAS

- Andrade, M. G. de [Matheus Gouvea de Andrade]. (2024, julho 11). *O lado obscuro da expansão de datacenters na América Latina* [The dark side of datacenter expansion in Latin America]. DW. <https://www.dw.com/pt-br/o-lado-obscur-da-expans%C3%A3o-de-datacenters-na-am%C3%A9rica-latina/a-69628240> Acesso em: 3 maio 2026.
- Araújo, W. S. de [William Silva de Araújo], Holanda, A. D. de O. [Antônio Darlan de Oliveira Holanda], & Assumpção, D. J. F. [Douglas Junio Fernandes Assumpção]. (2025). *Arte, criatividade e o potencial da inteligência artificial* [Art, creativity, and the potential of artificial intelligence]. *Intexto*, (57), e-144777. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.57.144777> Acesso em: 21 abr. 2026.
- Berghel, H. [Hal Berghel]. (2026). *Generative AI is Breathing New Life Into the Dead Internet Theory*. *Computer*, 59, 132–139. <https://doi.org/10.1109/MC.2025.3616665> Acesso em: 08 jul. 2026.
- Bordin, A. C. B. [Ana Clara Boniatti Bordin]. (2025). *A Teoria da Internet Morta: estamos cercados por Bots?* [The Dead Internet Theory: Are we surrounded by bots?]. UFSM.

- <https://www.ufsm.br/pet/sistemas-de-informacao/2025/03/07/a-teoria-da-internet-morta-estamos-cercados-por-bots> Acesso em: 11 abr. 2026.
- Braga, A. [Adriana Braga], & Montenegro, C. [Claudia Montenegro]. (2023). *Plataformas, neoliberalismo e o ativismo dos bots: o legislativo e a sociedade a reboque da desinformação* [Platforms, neoliberalism, and bot activism: the legislature and society dragged by disinformation]. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 46, e2023130. <https://doi.org/10.1590/1809-58442023130pt> Acesso em: 11 abr. 2026.
- Brasil, Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços [Brazil, Ministry of Development, Industry, Commerce and Services]. (2023, junho 20). *Com diagnóstico inédito, governo começa a debater política nacional para Data Centers* [With an unprecedented diagnosis, the government begins discussing a national policy for data centers]. <https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/noticias/2023/junho/com-diagnosticoinedito-governo-comeca-a-debater-politica-nacional-para-data-centers> Acesso em: 3 maio 2026.
- Furtado, R. G. [Renato Guimarães Furtado], & Cunha, S. E. [Simone Evangelista Cunha]. (2024). *Inteligência artificial, data centers e colonialismo digital: impactos socioambientais e geopolíticos a partir do Sul Global* [Artificial intelligence, data centers, and digital colonialism: socioenvironmental and geopolitical impacts from the Global South]. *Liinc em Revista*, 20(2), e7272. <https://doi.org/10.18617/liinc.v20i2.7272> Acesso em: 22 mar. 2026.
- Gouveia, C. M. [Christian Mendes Gouveia]. (2024, março 4). *Data Centers no Brasil: reflexões sobre um mercado em expansão* [Data centers in Brazil: reflections on an expanding market]. *Data Center Dynamics*. <https://www.datacenterdynamics.com/br/opini%C3%B5es/data-centers-no-brasil-reflexoes-sobre-oportunidades-e-desafios-de-um-mercado-em-expansao/> Acesso em: 3 maio 2026.
- Kleina, N. [Nilton Kleina]. (2024). *O que é a Teoria da Internet Morta?* [What is the Dead Internet Theory?]. *Mundo Conectado*. <https://www.mundoconectado.com.br/internet/o-que-e-a-teoria-da-internet-morta/> Acesso em: 22 mar. 2026.
- Marques, F. [Fabrício Marques]. (2025, julho). *Copie, cole e passe vergonha* [Copy, paste, and be embarrassed]. *Revista Pesquisa Fapesp*, (353). <https://revistapesquisa.fapesp.br/copie-cole-e-passe-vergonha/> Acesso em: 21 abr. 2026.
- Melo, J. [João Melo]. (2025). *O que é a teoria da internet morta e por que Sam Altman deu prazo de três anos* [What is the dead internet theory and why Sam Altman gave a three-year deadline]. *Canaltech*. <https://canaltech.com.br/inteligencia-artificial/o->

- que-e-a-teoria-da-internet-morta-e-por-que-sam-altman-deu-prazo-de-tres-anos/  
Acesso em: 22 mar. 2026.
- Rossetti, R. [Regina Rossetti], & Garcia, K. [Kethly Garcia]. (2023). *Inteligência artificial generativa: questões jurídicas e éticas em torno do ChatGPT* [Generative artificial intelligence: legal and ethical issues surrounding ChatGPT]. *Virtuajus*, 8(15), 253–264. <https://doi.org/10.5752/P.1678-3425.2023v8n15p253-264> Acesso em: 22 mar. 2026.
- Sarmiento, H. I. F. [Helena Isabel Ferreira Sarmiento]. (2025). *Conceito da Internet Morta e a Inteligência Artificial: Desafios das Empresas na Comunicação Digital e na Confiança do Consumidor* [The concept of the Dead Internet and Artificial Intelligence: Challenges for companies in digital communication and consumer trust]. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. <https://recipp.ipp.pt/bitstreams/18dobe26-a111-4137-a07f-4df67119a94f/download> Acesso em: 29 mar. 2026.
- Silva, M. R. da [Matheus Rocha da Silva]. (2023). *Da Web 1.0 à Web 3.0: entenda a evolução e principais características* [From Web 1.0 to Web 3.0: understanding the evolution and main characteristics]. *Tecmundo*. <https://www.tecmundo.com.br/internet/259717-web-1-o-web-3-o-entenda-evolucao-principais-caracteristicas.htm> Acesso em: 11 abr. 2026.
- Sommerer, T. [Thomas Sommerer]. (2025). *Baudrillard and the Dead Internet Theory: Revisiting Baudrillard's (dis)trust in Artificial Intelligence. Philosophy & Technology*, 38(54). <https://doi.org/10.1007/s13347-025-00878-5> Acesso em: 11 jul. 2026.
- Souza, G. M. de [Guilherme Miyagi de Souza], & Santos, B. C. [Bruno César Santos]. (2025). *“Offline por excesso de online?”: plataformização, atenção e automação na hipótese da “internet morta”* [“Offline due to excess online?”: platformization, attention, and automation in the dead internet hypothesis]. *Comfilotec*, 11, 1–22. <https://revista.fapcom.edu.br/index.php/revista-comfilotec/article/view/789> Acesso em: 29 mar. 2026.
- Walter, Y. [Y. Walter]. (2025). *Artificial influencers and the dead internet theory. AI & Society*, 40, 239–240. <https://doi.org/10.1007/s00146-023-01857-0> Acesso em: 13 jul. 2026.